

A Gestão para o Controle da Indisciplina Escolar no Século XXI

Management for the Control of School Indiscipline in the 21st Century

André Luiz Alvarenga de Souza

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. MS, Brasil.
E-mail: professorandrealvarenga@gmail.com

Resumo

Este estudo aborda a indisciplina escolar no século XXI, o objetivo principal foi de apontar prováveis causas dos comportamentos da indisciplina dos estudantes, indicando atitudes pedagógicas que o professor poderia assumir para contribuir na diminuição da indisciplina. Partindo da hipótese de que o conjunto de fenômenos observáveis, que os professores agrupam sob o nome genérico de problemas de indisciplina, tem contribuído para uma retificação desse, isto é, para constituição de um fato que se chama indisciplina escolar. A metodologia é de natureza qualitativa, pois se trata de uma revisão sistemática da literatura do campo da Educação. A indisciplina pode surgir como alternativa ao seu insucesso escolar, procurando desse modo valorizar a sua relação com os outros. Este insucesso não se refere, exclusivamente, a disciplinas, mas também a valores, que esse estudante pensa ser assumido pela comunidade, e que o mesmo não vê refletido nele. Pode-se inferir, com base nas pesquisas realizados para compor este estudo, que os pais e professores precisam explicar as normas e regras aos seus filhos, ou seja, aos estudantes. Entende-se que o que pode estar ocorrendo é uma opressão, por parte dos pais e professores, que acabam sendo autoritários, bastante rígidos, controladores, primitivos e que valorizam, enormemente, as regras e as normas e, na maioria das vezes, deixam o fator humano de lado, pois o processo de ensino e aprendizagem vai muito mais além do que somente regras.

Palavras-chave: Estudantes. Desafios Pedagógicos. Gestão Escolar. Professores. Indisciplina.

Abstract

This study approaches school indiscipline in the 21st century, the main objective was to point out probable causes of students' indiscipline behavior; indicating pedagogical attitudes that the teacher could assume to contribute to the indiscipline reduction. Based on the hypothesis that the set of observable phenomena that teachers group under the generic name of indiscipline problems, has contributed to their rectification, that is, to the constitution of a fact called school indiscipline. The methodology is qualitative in nature, as it is a literature systematic review in the Education field. Indiscipline can appear as an alternative to their school failure, thus seeking to value their relationship with others. This failure does not refer exclusively to subjects, but also to values, and hence, this student thinks to be assumed by the community, and which he or she does not see reflected in him or her. It is possible to infer, based on the research carried out to compose this study, that parents and teachers need to explain the standards and rules to their children, that is, students. It is understood that what may be happening is an oppression by parents and teachers who end up being authoritarian, quite rigid, controlling, primitive and who greatly value the rules and standards and most of the times leaving the human factor aside, as the process teaching and learning goes far beyond just rules.

Keywords: *Students. Pedagogical Challenges. School management. Teachers. Indiscipline.*

1 Introdução

Trata-se de um estudo sobre os fatores envolventes na gestão administrativa e organizacional no ambiente escolar, considerando a necessidade de os profissionais envolvidos na gestão estarem sempre em ações conjuntas com os professores, participando e interagindo com eles de modo que possam contribuir juntamente com a gestão, a coordenação e os demais professores para que a escola tenha um equilíbrio na (in)disciplina dos estudantes. A gestão escolar, entendida como sinônimo de administração de uma organização, se associa invariavelmente, no ponto da administração, com a imagem de uma empresa e evoca a figura do diretor, como gestor do funcionamento da escola.

Fortuna (2012) alerta para o fato de que a Administração

Empresarial não pode ser confundida com a Administração Escolar, que lida com material humano, enquanto a empresa visa produção de bens de consumo. O novo modelo de gestão propõe a construção de instituições autônomas com capacidade de tomar decisões, devendo envolver a comunidade interna escolar e os profissionais da educação, de forma que atenda as necessidades para o alcance de uma gestão eficaz. Na atualidade, entende-se que a gestão escolar, inserida no contexto da escola contemporânea, tem o papel de atuar como um elo entre a escola e a família, bem como entre os professores e seus múltiplos projetos. Desse modo, o gestor se torna uma figura fundamental para a construção de ambientes e práticas educativas que se considerem ricas e possam gerar aprendizagem a todos os que convivem no

ambiente escolar.

Fortuna (2012) pontua que a função do gestor é permitir que a equipe de professores e dos demais envolvidos no ambiente escolar se mantenha colaborativa, de maneira que os estudantes aprendam e, também, as famílias venham a participar do projeto educativo da escola. A indisciplina, atualmente, vem sendo amplamente discutida, pois cada vez mais se torna evidente e real o fato de a indisciplina nas escolas estar, de certa forma, causando problemas e levantando questões de ordem social, familiar e, conseqüentemente, escolar, pois a indisciplina prejudica o ambiente escolar em um todo.

Os motivos da indisciplina podem ser extrínsecos à aula, tais como problemas familiares, inserção social ou escolar, *bullying*, excessiva proteção dos pais, carências sociais, forte influência de ídolos violentos. Nestes casos, o professor pouco pode fazer. No entanto, existem outras causas que resultam de disfunções entre os estudantes e a escola. A indisciplina pode surgir como a alternativa ao seu insucesso escolar, procurando desse modo “valorizar” a sua relação com os outros. Este insucesso não se refere, exclusivamente, às classificações nas disciplinas, mas também em certos valores, que o estudante pensa serem assumidos pela comunidade, e que o estudante não vê refletido nele.

Justifica-se a abordagem deste estudo no apontamento sobre prováveis causas dos comportamentos de indisciplinas dos estudantes e indicar atitudes pedagógicas que os gestores escolares poderiam assumir. E os objetivos específicos foram os de identificar as principais atribuições necessárias do gestor escolar para com sua contribuição direta com o problema da indisciplina dos estudantes; observar como ocorre, atualmente, a indisciplina em suas mais variadas formas, e quais os motivos que levam o gestor escolar a tomar atitudes para combater este mau comportamento no ambiente escolar em que gerencia; e identificar a importância do gestor escolar manter, em seu quadro, professores habilitados e treinados para lidarem com a indisciplina escolar.

Os gestores educacionais, em sua prática, têm a visão de que no processo de gerenciamento pedagógico é necessário haver integração e dedicação ao quadro de professores, para que mediante professores qualificados, que saibam lidar com a problemática da indisciplina sejam capazes de amenizar esse problema.

2 Material e Métodos

A metodologia é de natureza qualitativa, pois se trata de uma revisão sistemática da literatura do campo da Educação, contemplando a leitura aplicada de clássicos que compõem todo o referencial teórico desta pesquisa, que é aplicada sobre a temática da gestão para o controle da indisciplina escolar, no século XXI e, também, na construção do estudante como cidadão, diante tal situação os caminhos metodológicos traçaram o tipo de estudo configurado como pesquisa de

revisão bibliográfica e descritiva, o qual teve por objetivo recolher, selecionar, analisar, interpretar as contribuições já existentes sobre a temática deste estudo. A importância da pesquisa bibliográfica é destacada, pois: “em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos” (OLIVEIRA, 2012, p.94).

Diante desse contexto, Gil (1999, p.42) ressaltou a existência de pesquisas que, “embora definidas como descritivas a partir de seus objetivos, acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias”. O método descritivo utilizado, neste processo investigativo, expõe a característica de determinados indivíduos, em ambiente escolar, ao descrever as características, ou perfis de estudantes, classifica-se também como pesquisa descritiva.

A coleta dos dados ocorreu em livros, teses, artigos e fontes *online* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes e SciELO, utilizando-se das palavras descritoras: estudantes, desafios escolares, gestão escolar e indisciplina, tendo estes descritores como objeto de inclusão, já o objeto de exclusão foram os resultados que não contemplassem os critérios de inclusão desta pesquisa. O estudo sistemático dos dados colhidos foi realizado no período temporal de março de 2020 a junho de 2020.

Os referenciais teóricos utilizados nesta pesquisa são clássicos e, por isso, se justifica que alguns tenham já um certo período excedente, como por exemplo quando se cita Marx, Paulo Freire, que são uma literatura que remonta há alguns anos, mas que sempre são atuais para respaldar em colocações e pensamentos, tal qual nas referências trazidas neste artigo.

3 Resultados e Discussão

A qualidade de uma instituição escolar que depende, em grande parte, do modo pelo qual essa enfoca os processos de condução das atividades que se desenvolvem nas classes, pois ali não é somente o lugar no qual se realizam os processos de ensino e aprendizagem, como também, o lugar que traz sempre o momento oportuno para se desenvolver e promover os valores humanos nos estudantes, portanto, essa qualidade depende, sobretudo, também da capacidade dos professores estimularem o esforço dos estudantes, o seu empenho como pessoa que abstrai o conhecimento para si.

Considera-se que uma escola preocupada com a formação dos seus estudantes e não somente em “ensiná-los” é aquela que considera a disciplina como: o domínio de si mesmo para ajustar a conduta às exigências do trabalho e de convivências próprias da vida escolar, não como um sistema de “castigos” ou “sanções”, que são aplicadas a estudantes que alteram o desenvolvimento normal das atividades escolares com uma conduta negativa (TIBA, 1996).

A disciplina é um hábito interno, que facilita a cada pessoa o cumprimento de suas obrigações, sendo um autodomínio, a

capacidade de utilizar a liberdade pessoal, isto é, a possibilidade de atuar livremente superando os condicionamentos internos ou externos que se apresentam na vida cotidiana (GARCIA, 2009).

Geralmente, quem possui dificuldade de aprendizagem, em virtude de algum distúrbio, tenta superar seus próprios limites através da força de vontade e, para alcançar tal objetivo, necessita da ordem e disciplina da classe para alcançar êxito, que deve ser exigida e garantida pelo professor, nos termos do regimento interno da escola. Para o orientador educacional, segundo Garcia (2009, p.154):

A disciplina não anula a personalidade no sentido orgânico, apenas limita o arbítrio e a impulsividade irresponsável para não falar da pretenciosa vaidade de sobressair. A disciplina, portanto, não anula a personalidade e liberdade: a questão da personalidade e liberdade se coloca não pela disciplina, mas pela origem do poder que a coordena a disciplina. Se esta origem é democrática, ou seja, se a autoridade é uma função técnica especializada e não um arbítrio ou uma imposição extrínseca e exterior, a disciplina é um elemento necessário de ordem democrática, de liberdade.

A indisciplina pode representar, em última análise, um sintoma de desvio do comportamento (conduta) individual de alguém, que busca se isolar do todo e perde o elo da interconexão da dinâmica holística. A escola convencional reforça a indisciplina e a violência na medida em que se subordina aos interesses privados do mercado e passa a agir na formação do indivíduo para atender esta demanda, esquecendo de focar no valor humano do estudante, não apontando o que lhe falta e sim promovendo aquilo em que ele, enquanto estudante, se propôs a fazer e teve êxito, sendo necessário o estímulo positivo de cada estudante em sua singularidade. Com isto, não valoriza a transformação para formação de atitudes antropocêntricas, desse modo, confundem a destinação do indivíduo, para o trabalho que o mercado demanda, como educação, assim, se pensa que educar é apenas oferecer algumas técnicas que propiciem a execução de funções através de certas competências (BRANDÃO; CREMA, 2012).

Para Brandão e Crema (2012, p.131): “Indisciplina não combina com educação no sentido real da palavra”. A escola convencional é conivente com a indisciplina do estudante, porque não possui para este uma mensagem educacional, de correção de seus estados internos caóticos, que seja capaz de orientar ao estudante para aquisição da autonomia psicológica, que lhe permita o domínio de si mesmo, base fundamental da libertação humana das garras da ignorância e do temor, guardiãs da fragilidade humana. No entanto, existe uma explicação sobre o incerto, a educação passa por grandes problemas na atualidade, em função do pensamento tacanho do poder central do país e de seu Ministro da Educação, que inclusive se demonstra muito indisciplinado. A indisciplina, por ser uma forma de violência, um elemento complicador do ente social, se constitui em um grande obstáculo à pedagogia, pois essa nega a educação, revela a ignorância, o desequilíbrio, o temor e muitos outros estados que se opõem à autonomia

individual e coletiva do ser humano. Educar o estudante significa ajudá-lo a aprender o processo de construção de sua autonomia, da disciplina, da ordem, da liberdade, do amor e da paz, neste aspecto, o professor necessita ser um instrumento de compartilhamento do conhecimento.

Segundo Brandão Crema (2012, p.91):

Ser indisciplinado significa andar na contramão da educação. Significa ser vítima de si mesmo, ao seguir a trajetória da complicação pessoal, da escravidão de si mesmo, que o levará à desordem, ao desequilíbrio, a intolerância. Pelos caminhos da indisciplina se chega à intolerância, ao desrespeito às normas estabelecidas e às pessoas em geral. O indisciplinado é um deseducado que perde o controle de si mesmo, é desrespeitoso, é resistente a ordem natural das coisas, é um desobediente, que já perdeu o respeito pelo professor, pelos pais, pelos seus pares e por si mesmo. É um imbecil que, se não se corrigir, causará transtorno à ecologia, à família, à escola e à sociedade. Nas escolas, os professores são vítimas da indisciplina dos estudantes; por serem portadores de uma mensagem instrutiva, que a princípio necessitaria de que seus estudantes viessem disciplinados de suas casas. Coisas impossíveis, pois a família está deteriorada e sociedade está doente.

Já há poucas famílias que educam seus filhos, colocando limites, ordem e disciplina. Assim, há tempo que a indisciplina escolar deixou de ser um evento esporádico, sem importância, para se constituir em uma grande alavanca da violência generalizada, em um obstáculo à tarefa educativa, em um grande desafio à paz social. A maioria dos pais, das autoridades escolares e dos educadores, ficando inerte ante a indisciplina dos filhos, dos estudantes. Isto ocorre porque se desconhecem as reais causas da indisciplina, seus efeitos e consequências (AQUINO, 2008).

Todos precisam saber que a raiz da indisciplina está fincada no substrato dos agentes psíquicos componentes do ego, o dia em que todos souberem disto, se poderão elaborar as bases concretas da cultura da paz, através de uma pedagogia revolucionária de erradicação das causas da indisciplina, geradora de violência e poder fazer com que o estudante se dê conta de que ele faz parte de um processo histórico e cultural, sendo que ele é quem delinea, constrói e desconstrói o seu caminho para o sucesso ou o fracasso. Há de se ter em mente que cada estudante é um ser único e que, muitas vezes, a sua indisciplina não está relacionada ao ambiente escolar, apesar de ele ser indisciplinado na escola, é necessário agir para poder rastrear as necessidades desse estudante, mostrando a ele as grandes possibilidades que a educação pode oferecer, e caso o mesmo demonstre dificuldades de aprendizagem, porque não adaptar o currículo para atendê-lo.

Ao mesmo tempo em que a sociedade anseia por um tipo de escola que induza mudanças radicais, poucos educadores se encontram em condições de realizá-las, em função de sua formação antropocêntrica, com incertezas às condições de trabalho, sobrecarga de tarefas, isolamento profissional, fragmentação de espaço, má remuneração, falta de compromisso do Governo com a educação, entre outros fatores de cunho familiar.

Uma escola que não envolve os seus professores nos processos decisórios que afetem os seus trabalhos, que acha que os mesmos não são qualificados para tal, que possui uma direção que os sufoca, não possui condição para trabalhar na construção da disciplina e da ordem. Por outro lado, a escola que valoriza seus professores, na qual os professores se sentem respeitados, confiantes, envolvidos nos processos decisórios, podem ajudar a construir, de fato, a ordem e a disciplina (REBELO, 2007), esta escola tende a ter mais sucesso comparada a outras.

Os teóricos da educação ao desenvolverem projetos pedagógicos, precisam levar em consideração a indisciplina dos estudantes, prestar mais atenção aos propósitos do professor, apoiar suas aspirações estabelecendo oportunidades para o confronto de crenças e pressupostos subjacentes à sua prática cotidiana, escutar, ouvir o que os professores têm a dizer, o que os estudantes têm a dizer e pensar e evitar superestimar a pesquisa publicada e subestimar o conhecimento do professor, evitar tratar qualquer estratégia acima de qualquer crítica, criar uma comunidade de professores, gestores e alunos que discutam as questões e criem um senso comum em sua escola. Para Guimarães (2013, p.114):

A questão da indisciplina é extremamente importante, pois que, ensinar envolve todo um aspecto moral, ético, etc., de natureza complexa, que não dá para ser reduzida a questões técnicas e habilidades. O educador exerce um papel essencial na educação das futuras gerações. Sua missão se agiganta cotidianamente, na tarefa de socialização primária e secundária; pois na medida em que a família se deteriora e as religiões se declinam, reduz-se o contato do educando com os pais e amplia-se a exposição às imoralidades sociais. O professor precisa se apoiar em métodos que respaldem-no lidar com equilíbrio com as circunstâncias de desequilíbrio em classe, traduzidos nas formas de indisciplina e violência.

Em razão da sobrecarga de trabalho dos professores, da função de socialização primária que são submetidos ao invés de secundária, que tornaram as obrigações dos pais estudantes de forma difusas, classes necessariamente numerosas, que demandam ação educativa diversificada e a falta de prioridades educativas por parte do Governo se constituem em fatores que ampliam a indisciplina e a violência generalizada nas escolas.

A comunidade escolar é uma pequena amostra da massa social, o que é lá fora é aqui dentro com relação à sociedade. Na escola, a sala de aula é um palco no qual se desenrolam os problemas sociais, os contatos sociais, tais como valores invertidos, a indisciplina, a violência, etc; são fatores que exigem do professor um esforço psicológico muito grande para contornar as situações, o que aumenta a complexidade da aula (GUIMARÃES, 2013).

Os valores éticos, morais e intelectuais dos professores não possuem mais relevância para os estudantes com tendências à indisciplina. A indisciplina e a violência nas escolas vão se ampliando à medida que os professores não conseguem trabalhar e planejar juntos, compartilhando e desenvolvendo suas especializações e suas experiências. Nenhum professor conseguirá enfrentar as questões da indisciplina e da violência

sozinho, para combater a indisciplina e a violência nas escolas, os professores têm que aprender a usar o poder da colaboração, enquanto ensinam aos estudantes as mais variadas disciplinas e aspectos da sociedade. A incerteza do trabalho diante do quadro caótico da indisciplina e violência dos estudantes demanda colaboração para reduzir a força de resistência dos indisciplinados e aumentar a sensação de força para construir a disciplina, a ordem e a eficiência para que o processo de ensino e aprendizagem desses estudantes possa ser prazeroso e que os mesmos realmente internalizem a aprendizagem.

O limite é um fator importante a ser abordado paralelamente à indisciplina escolar, pois o limite é a base de conceitos que a criança e o estudante podem adquirir durante sua educação para que seja disciplinado. Zagury (2002, p.17) abordou que: “os pais permissivos têm dificuldade em exercer controle sobre os filhos, pois não estabelecem limites e nem costumam exigir responsabilidades de seus filhos”. Percebe-se, portanto, a grande importância que a educação familiar tem sobre os estudantes, do ponto de vista cognitivo, afetivo e moral.

Zagury (2002, p.21) enfatiza ainda que “a falta de limites e valores morais têm produzido a indisciplina na sala de aula”. Os educadores compreendem que a responsabilidades de ensinar ou de estabelecer limites às crianças são também da família, não cabe somente à escola e ao professor tal tarefa, mas todos os que estão diretamente ligados à educação da criança. É evidente que o professor precisa cumprir seu papel o que o condiciona a manter a ordem e esclarecer com seus estudantes os limites que devem respeitar no ambiente escolar ou no convívio com a sociedade.

A criança, ao perceber os limites impostos, percebe também que a ela é dada atenção e afeto, passando a se sentir protegida e, conseqüentemente, menos agressiva. Normas, leis, regras e limites, as crianças e adultos irão sempre encontrar no cotidiano de suas vidas, então é válido que aprendam a aceitar o quanto antes para que no futuro não encontrem dificuldades para se adaptarem aos limites e à disciplina.

Segundo Zagury (2002), limites são regras de como o mundo funciona. De maneira simples, estabelecer limites é determinar aquilo que pode ou não pode. São considerados a base da cidadania. Quando não existem limites, a criança ou adolescente terá dificuldade para se adaptar à vida em grupo. É importante ressaltar, ainda, que juntamente aos limites, como menciona Zagury (2002), é importante que os pais e educadores respeitem os educandos fornecendo a eles o “porque” dos limites impostos. Pois havendo compreensão, conseqüentemente irão considerar a ideia de limites com mais brandura, assim, deve-se os pais ou professor explicar à criança o porquê de tal coisa estar sendo a ela negado, proibido ou limitado.

Na gestão escolar se espera que o professor seja detentor dos melhores dotes profissionais e que, a partir desses supere as dificuldades conjunturais e estruturais da sociedade, propondo e executando ações exemplares. Essas ações, segundo Canário (2008), ora se destinam ao ajustamento

de crianças, de jovens e de adultos à sociedade vigente, ora visam o estabelecimento de um novo modelo social, em vista da educação das gerações futuras. A tudo isso se acrescenta o professor no combate a indisciplina dos estudantes. Destaca Freire (1998) que os gestores de escolas, que também são professores ou educadores, são profissionais que têm uma função, uma “missão” de educador que é o seu diferencial: ele exerce grande influência sobre a formação da personalidade e do caráter de seus estudantes. Seu modo de lidar com eles, de interagir com a turma durante as aulas, vão transmitir-lhes muito mais do que o simples conteúdo das disciplinas e pode deixar marcas para o resto de suas vidas. Desse modo, cabe ao gestor imbuir aos professores que se relacionam diretamente com os estudantes, a importância de se combater a indisciplina, e para isso é necessário que tais profissionais saibam lidar e estejam preparados para enfrentar tal problemática que, atualmente, assusta a sociedade escolar que é a indisciplina.

Paulo Freire (1998) comenta que “as coisas podem até piorar”, mas exorta a “intervir para melhorá-las”. Não se pode aceitar o discurso acomodado de que “não há o que fazer”, conclui o educador. Deve-se, sim, ter a ousadia que motiva o ser humano a fazer o novo, a fazer o que ainda não foi experimentado por ninguém. “Toda criação deve superar uma ansiedade”. A qualidade de uma instituição escolar que depende em grande parte do modo pelo qual ela enfoca o processo de condução das atividades que se desenvolvem nas classes, pois, ali não é somente o lugar onde se realiza o processo de ensino-aprendizagem, como também, o lugar que traz sempre o momento oportuno para se desenvolver e promover os valores humanos nos estudantes. Essa qualidade depende, sobretudo, também da capacidade dos professores estimularem o esforço dos estudantes (FORTUNA, 2012).

Considera-se que uma escola preocupada com a formação dos seus estudantes e não somente em ‘ensiná-los’ é aquela que considera a disciplina como: o domínio de si mesmo para ajustar a conduta às exigências do trabalho e de convivências próprias da vida escolar, não como um sistema de castigos ou sanções que são aplicadas a estudantes que alteram o desenvolvimento normal das atividades escolares com uma conduta negativa (NOVA ESCOLA, 2015). A disciplina é um hábito interno, que facilita a cada pessoa o cumprimento de suas obrigações, é um autodomínio, é a capacidade de utilizar a liberdade pessoal, isto é, a possibilidade de atuar livremente superando os condicionamentos internos ou externos que se apresentam na vida cotidiana (SANTOS, 2011).

Geralmente, quem possui dificuldade de aprendizagem, em virtude de algum distúrbio, tenta superar seus próprios limites através da força de vontade e, para alcançar tal objetivo, necessita da ordem e disciplina da classe para alcançar êxito, que deve ser exigida e garantida pelo professor, nos termos do regimento interno da escola. Para o orientador educacional Santos (2011, p.23):

A disciplina não anula a personalidade no sentido orgânico,

apenas limita o arbítrio e a impulsividade irresponsável para não falar da pretenciosa vaidade de sobressair. A disciplina, portanto, não anula a personalidade e liberdade: a questão da personalidade e liberdade se coloca não pela disciplina, mas pela origem do poder que a coordena a disciplina. Se esta origem é democrática, ou seja, se a autoridade é uma função técnica especializada e não um arbítrio ou uma imposição extrínseca e exterior, a disciplina é um elemento necessário de ordem democrática, de liberdade.

A indisciplina pode representar em última análise um sintoma de desvio do comportamento individual de alguém que busca se isolar do todo e perde o elo da interconexão da dinâmica holística. A escola convencional reforça a indisciplina e a violência na medida em que se subordina aos interesses privados do mercado e passa a agir na formação do indivíduo para atender esta demanda. Com isto, não valoriza a transformação para formação de atitudes antropocêntricas. Desse modo, confundem *adestração* do indivíduo, para o trabalho que o mercado demanda, como educação. Assim, pensa-se que educar é apenas oferecer algumas técnicas que propiciem a execução de funções através de certas competências (BRANDÃO; CREMA, 2010).

Daí que a escola não se mostra mais com suas funções sociais marcantes de educar para o exercício da cidadania, que promova a exaltação, a liberdade e a autonomia de cada educando. A escola tem estado a serviço de uma educação que a sucumbe a um modelo que assegura ao estudante apenas profissionalização, despolitiza-se, torna-se uma mercadoria que almeja intensificar valores e interesses privados, consequentemente descartáveis. A escola contribui com a indisciplina do estudante, na medida em que perdeu o seu potencial transformador, para conduzir o estudante de uma cultura de violência para uma cultura de paz, de transformar a cultura antropocêntrica em paradigma holístico, de propor uma cultura de valores éticos, de transformar a sala de aula em um espaço permanente de exposição das obras humanas (BRANDÃO; CREMA, 2010).

A indisciplina e a violência se ampliaram nas escolas, na medida em que o trabalho de intensificação das relações intrapessoais, isto é, consigo próprio e das relações interpessoais, isto é, com os outros, desapareceram da sala de aula; em que também se perdeu de vista as dimensões éticas e políticas que fundamentam o processo educacional. Nas escolas, a indisciplina dos estudantes sem limites, se constitui em uma forma de violência entre outras tantas que ali são engendradas, para transformação dos templos sagrados do saber em palco da violência generalizada, em um local de discórdia, ódio, embate, impasse, confronto, ato infracional, crimes, desobediência, resistência, desacato, desordem, entropia e caos (REBELO, 2011). Para Brandão e Crema (2010, p.131): “Indisciplina não combina com educação no sentido real da palavra”. A escola convencional é conivente com a indisciplina do estudante, porque não possui para este uma mensagem educacional, de correção de seus estados internos caóticos, que seja capaz de orientar ao estudante

para aquisição da autonomia psicológica, que lhe permita o domínio de si mesmo, base fundamental da libertação humana das garras da ignorância e do temor, guardiãs da fragilidade humana.

A indisciplina, por ser uma forma de violência, um elemento complicador do ente social, se constitui em um grande obstáculo à pedagogia, pois essa nega a educação, revela a ignorância, o desequilíbrio, o temor e muitos outros estados que se opõem à autonomia individual e coletiva do ser humano. Educar ao estudante significa ajudá-lo aprender o processo de construção de sua autonomia, da disciplina, da ordem, da liberdade, do amor e da paz. Segundo Brandão e Crema (2012, p.91),

[...] ser indisciplinado significa andar na contramão da educação. Significa ser vítima de si mesmo, ao seguir a trajetória da complicação pessoal, da escravidão de si mesmo, que o levará à desordem, ao desequilíbrio, a intolerância. Pelos caminhos da indisciplina se chega à intolerância, ao desrespeito às normas estabelecidas e às pessoas em geral. O indisciplinado é um deseducado que perde o controle de si mesmo, é desrespeitador, é resistente a ordem natural das coisas, é um desobediente, que já perdeu o respeito pelo professores, pelos pais, pelos seus pares e por si mesmo. É um imbecil que, se não se corrigir, causará transtorno à ecologia, à família, à escola e à sociedade. Nas escolas, os professores são vítimas da indisciplina dos estudantes; por serem portadores de uma mensagem instrutiva, que a princípio necessitaria de que seus estudantes viessem disciplinados de suas casas. Coisas impossíveis, pois a família está deteriorada e sociedade está doente.

Aquino (2008) aponta que isto ocorre, porque se desconhecem as reais causas da indisciplina, seus efeitos e consequências. Todos precisam saber que a raiz da indisciplina está fincada no substrato dos agentes psíquicos componentes do ego. O dia em que todos souberem disto, se poderão elaborar as bases concretas da cultura da paz, através de uma pedagogia revolucionária de erradicação das causas da indisciplina geradora de violência.

Há muitos estudantes indisciplinados, nas escolas, que não respeitam as regras, ignoram as solicitações que lhes são impostas por seus professores e gestores. Para estes não adianta o professor em sala de aula sozinho tente combater a indisciplina, na classe, pelo método da repressão, por exemplo. Para o estudante indisciplinado, portador de uma cultura de violência, quanto mais o professor gritar e irritar na classe, melhor será; pois assim, eles atingem os seus objetivos que é de desafiar, desacatar, resistir, desobedecer, e não se comportarem disciplinadamente (FORTUNA, 2012).

Como se trata de pessoas em formação, é preciso em apoio ao professor estabelecer um vínculo entre a equipe gestora escolar e os estudantes indisciplinados; como um sistema de estímulos que favoreçam o desenvolvimento das responsabilidades dos estudantes e que possam refletir no comportamento. É por meio de muita dedicação do gestor escolar que sua contribuição será vista de forma diferenciada para a diminuição da indisciplina. Cabe ainda ao gestor estimular seus professores a tratarem seus estudantes

indisciplinados. Para estar em condições de educar, o professor precisa estabelecer relações cordiais e afetuosas com seus estudantes; criar um ambiente estimulante de compreensão e colaboração, usando de atitudes amistosas e pacientes com todos os estudantes sem distinção (CLARET, 2006).

O gestor deve sempre se certificar os valores e as atitudes de sua equipe de profissionais; a incoerência entre a vivência desses valores, pelos professores, pode transmitir aos estudantes uma visão distorcida dos valores que a instituição cultiva (CLARET, 2006).

É importante ressaltar que o gestor tem a autoridade para com as escolas no âmbito de adequar suas exigências. Se há indisciplina existe também um fator que motiva a tal comportamento. “O gestor poderá atingir melhores resultados levando em consideração as possibilidades e necessidades destes quanto aos seus interesses, aptidões, capacidade de concentração, possibilidades motoras, necessidades materiais, etc” (FORTUNA, 2012, p. 98).

Os gestores e professores e demais integrantes da equipe escolar arcam com a responsabilidade de, além do papel de ensinar e transmitir conhecimento, mediante a sociedade se veem na condição de elaborarem regras e normas de comportamentos no ambiente escolar, para que o estudante seja elogiado, valorizado e, também reconhecido pelo seu comportamento frente à sociedade. A indisciplina nas escolas é um fator que impede a aprendizagem do indisciplinado, retarda a aprendizagem dos colegas deste na classe, provoca situações adversas ao bom desempenho pedagógico e amplia a violência generalizada no interior da unidade escolar e que precisa ser tratada de forma interdisciplinar, por psicólogos, psicanalistas, pedagogos, sociólogos, professores, estudantes e pais de estudante. A indisciplina é oriunda das reações do ego hipertrofiado do ente humano e está, cada vez mais, presente no cotidiano escolar, nos noticiários, na mídia em geral.

4 Conclusão

A profissão de educador nasce do exercício da função educativa, que por sua vez nasce de necessidades sociais concretas e toma o perfil exigido/desejado/ conseguido socialmente e, dessa forma, assumindo diferentes perfis, construindo-se cotidianamente, a identidade profissional se desdobra, por sua vez, em diferentes posicionamentos entre rupturas e permanências, mas sem perder de vista a sua atribuição maior na convergência da formação de si e do outro.

Na gestão escolar, é necessário que se desenvolvam, constantemente, programas de melhorias do desempenho escolar e que a primeira condição para que a escola tenha uma boa imagem é a de que seja realmente uma boa escola, com desempenho acima da média, que transpareça a harmonia entre gestores, coordenadores e professores e estudantes, sendo assim, a gestão escolar deve ser o fator principal para que a escola seja cumpridora de seu papel: produzir e transmitir o conhecimento aos estudantes sejam esses quais forem, sem nenhum tipo de preconceito. Dentro do escopo

da indisciplina do estudante, na escola, é resultante de muitos fatores e influências que recaem sobre o estudante, ao longo de seu desenvolvimento, na família e no meio social, desse modo, a indisciplina dos estudantes não é alheia à escola e à família, que são as instituições responsáveis pela educação no meio social.

Logo se conclui que a indisciplina do estudante na escola é resultante dos elementos psíquicos inseridos no ego; é caracterizada pela personalidade e alimentada pelas experiências na família, nas relações sociais e no contexto histórico-cultural de suas vidas, sendo assim, se pode inferir, que os pais e professores precisam explicar as normas e regras, principalmente, de convivência e respeito e a autoridade escolar aos seus filhos estudantes.

Referências

AQUINO, J.G. A violência escolar e a crise da autoridade docente. *Cad. Cedes*, v.19, n.47, p.19, 2008.

BRANDÃO, D.; CREMA, R. *O novo paradigma holístico*. São Paulo: Summus, 2012.

FORTUNA, M.L.A. A dimensão subjetiva das relações escolares e de sua gestão. In: OLIVEIRA, D.A.; ROSAR, M.F.F. *Política e Gestão da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica. 2012. p.155.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra., 1998.

GARCIA, C.M. *Formação de professores. Para uma mudança educativa*. Portugal: Porto, 2009.

GIL. A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, A. *Indisciplina e violência: a ambigüidade dos conflitos na escola*. Indisciplina na escola. São Paulo: Summus, 2013.

REBELO, R.A.A. *Indisciplina escolar: causas e sujeitos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SANTOS, C.F.; NUNES, M.F. A indisciplina no cotidiano escolar. *Candombá*, v.2, n.1, p.14-23, 2011.

ZAGURY, T. *Limites sem traumas*. São Paulo: Record, 2002.